

TRABALHOS DE PESQUISA

PRAZER FEMININO E SATISFAÇÃO SEXUAL: UM ESTUDO COM BASE NO QUOCIENTE SEXUAL FEMININO

Rita Martins Godoy Rocha¹ , Ana Beatriz Moraes² , Mariane Ventura Souza² , Paula Micali Fucci² 

FEMALE PLEASURE AND SEXUAL SATISFACTION: STUDY BASED ON THE FEMALE SEX
QUOTIENT

PLACER FEMENINO Y SATISFACCIÓN SEXUAL: UN ESTUDIO BASADO EN EL COEFICIENTE
SEXUAL FEMENINO

Resumo: A relação entre mulheres e sexualidade, historicamente, traduz esforços de compreensão e de emancipação de seus corpos, distanciando as práticas sexuais do reducionismo biológico. O objetivo da pesquisa buscou identificar a percepção de prazer atribuída por mulheres em relação a sua sexualidade. Foi realizada uma pesquisa de levantamento com base no questionário adaptado QS-F: Quociente Sexual Feminino. A pesquisa teve caráter descritivo, segundo cálculo de escore total, a resultante relaciona-se ao nível da atividade sexual da mulher. Participaram da pesquisa 310 mulheres, 67,7% jovens adultas entre 21 e 25 anos, cerca de 86% cursam ou já concluíram o ensino superior. Relevância para o aparecimento de 30% de mulheres bissexuais e 6,5% de pansexuais, a maioria situa-se no espectro heterossexual (62,3%). A resultante do coeficiente em escore de 78, indica que as mulheres tendem a vivenciar a sua satisfação e desempenho sexuais de maneira “regular a bom”. Conclui-se que os dados demonstraram maior alcance em torno da mulher jovem na contemporaneidade, recorte que convida a novas reflexões em torno da satisfação sexual feminina nas diferentes gerações.

Palavras-Chave: Sexualidade; Mulheres; Satisfação Sexual.

Abstract: The relationship between women and sexuality, historically, translates efforts to understand and emancipate their bodies, distancing sexual practices from biological reductionism. The objective of the research is identifying the perception of pleasure attributed by women in relation to their sexuality. A survey was carried out based on the adapted questionnaire QS-F: Female Sexual Quotient. The research had a descriptive character, according to the calculation of the total score, the result is related to the level of the woman's sexual activity. 310 women participated on the research, 67.7% young adults between 21 and 25 years old, about 86% are studying or have completed higher education. Relevance for the appearance of 30% of bisexual women and 6.5% of pansexuals, the majority being in the heterosexual spectrum (62.3%). The resulting coefficient score of 78 indicates that women tend to experience their sexual satisfaction and performance in a “regular to good” way. It is concluded that the data showed a greater reach around young women in contemporary times, a result that invites new reflections on female sexual satisfaction in different generations.

Keyword(s): Sexuality; Women; Sexual Satisfaction.

Resumen: La relación entre las mujeres y la sexualidad, históricamente, traduce esfuerzos por comprender y emancipar sus cuerpos, alejando las prácticas sexuales del reduccionismo biológico. El objetivo de la investigación buscó identificar la percepción de placer atribuida por las mujeres en relación a su sexualidad. Se realizó una encuesta basada en el cuestionario adaptado QS-F: Cociente Sexual Femenino. La investigación tuvo un carácter descriptivo, según el cálculo del puntaje total donde el resultado se relaciona con el nivel de actividad sexual de la mujer. En la encuesta participaron 310 mujeres, el 67,7% adultas jóvenes entre 21 y 25 años, alrededor del 86% se encuentran estudiando o han concluido estudios superiores. Relevancia para la apariencia del 30% de las mujeres bissexuales y del 6,5% de las pansexuales, siendo la mayoría



¹Doutora e professora titular da Universidade de Araraquara, Departamento de Ciências Humanas, Araraquara, Brasil. rmgrocha@uniara.com.br

²Graduação pela Universidade de Araraquara, Departamento de Ciências Humanas, Araraquara, Brasil. bia.moraes.10@hotmail.com; marianeventurasouza@hotmail.com; pah.fucci@gmail.com

del espectro heterosexual (62,3%). La puntuación del coeficiente resultante de 78 indica que las mujeres tienden a experimentar su satisfacción y desempeño sexual de una manera "regular a buena". Se concluye que los datos mostraron un mayor alcance en torno a las mujeres jóvenes en la época contemporánea, corte que invita a nuevas reflexiones sobre la satisfacción sexual femenina en las diferentes generaciones.

Palabras-Clave: Sexualidad; Mujeres; Satisfacción Sexual.

Introdução

Quando se discorre sobre o tema da sexualidade, diferentes significações aparecem. Trata-se de um campo transdisciplinar e, ao mesmo tempo, remonta às formas como as culturas entendem e lidam com o sexo, historicamente. Ao longo dos diferentes tempos históricos, as distinções entre homens e mulheres transpuseram o nível meramente biológico e atingiram as relações, bem como as formas de sociabilidade (Louro, 1995).

Predominantemente, desde a Antiguidade, passando pelo período clássico e Idade Média, os homens gozavam de maior liberdade e as jurisdições concessórias ligavam-se ao marido em contrapartida às esposas, no que concerne aos temas como castidade, divórcio e fidelidade. Algumas culturas apresentavam exceção dessa disparidade, como no Egito antigo, onde a visão sobre mulher tinha uma demarcação mais equânime, abarcando a permissão de relacionamentos sexuais antes do matrimônio, casamentos temporários por contrato, além da possibilidade de conquistar cargos de alto escalão, como administradoras de províncias, médicas, empresárias e até mesmo faraó (Ribeiro, 2005).

No contexto das relações de prazer, o século XVII demarca o momento em que o sexo e a sexualidade distanciam a mulher do conceito de prazer: "Tentou-se integrar sensualidade e espiritualidade, mas o que acabou predominando foi o caráter ascético, que desvalorizou o corpo e a sensibilidade para alcançar a plenitude moral" (Ribeiro, 2005, p. 6).

No século XVIII, o sexo foi considerado como um termo "*inventado*", ocupando um espaço de saber. Ovários e testículos que antes eram órgãos associados e análogos passaram a se distinguir, e o que antes não possuía um nome, passa a existir como vagina (Laqueur, 2001). Foucault (1988) destaca essa mudança histórica e demarca que a confissão sexual, antes tema de alçada religiosa e jurídica, passa a centrar-se nos dispositivos de saber científico.

Desse modo, a sexualidade atrela-se à história das mulheres e está intimamente ligada aos movimentos de emancipação feminina e aos estudos de gênero. Simone de Beauvoir (1967) detém-se a essa complexidade, ao perguntar "*o que é uma mulher?*", problematizando normativas sobre o que é vivenciar os corpos femininos.

Para Beauvoir (1967), ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente ser mulher; exige-lhe o cumprimento da participação deste evento social, que se traduz na misteriosa e ameaçada feminilidade. Essa demarcação ressoa no destaque para o conceito de gênero, desconectando-se do biologicismo tão atrelado ao discurso da sexualidade; o gênero começa a ganhar presença nas discussões sobre o tema.

As teóricas feministas, ao afirmarem a construção do gênero, invariavelmente questionaram o determinismo atrelado ao conceito de sexo, em que se lia a biologia dos cromossomos sexuais imutáveis, conduzindo as percepções culturais e os valores dicotômicos sobre o ser homem e ser mulher. Não é possível olhar um corpo sem antes atrelar ele ao seu sexo, recorre-se então à facticidade anatômica, apresentando ao outro uma conduta que por definição é o próprio gênero (Butler, 2003).

Até então as discussões em torno da sexualidade centravam-se na dimensão biológica, sem destacar os efeitos sociais, relacionais e históricos das diferenças entre os corpos (Beauvoir, 1967). Essa mudança paradigmática abrange as relações de poder e equidade, bem como as consequências advindas dessas relações na vida de mulheres, homens e pessoas que questionam a dicotomia anatômica, incluindo o gênero como um determinante social (Sousa, 2019).

O prazer feminino e o protagonismo: um esforço ante a objetificação

O conceito de gênero estrutura a percepção e a organização concreta e simbólica da vida social e relacional - e, em tudo isso, há diferenças quanto à distribuição de poder, o que vai significar que a concepção e a construção estão, inclusive, na maneira de existir (Louro, 1995). Assim, considerar a mulher envolve reconhecer as representações sobre ela e os modos de objetificação do seu corpo e seu prazer. Em relações sociais e interpessoais, onde os comentários e até as próprias representações do corpo feminino na pornografia e mídia ou como exemplo, a exibição do corpo de forma fragmentada expõe a objetificação (Loureiro, 2014).

Segundo a Associação Americana de Psicologia (2007, *apud* Loureiro, 2014), a objetificação sexual envolve atribuir como o único determinante do valor de uma pessoa seu apelo ou comportamento sexual, excluindo-se outras características; passam a ser tratadas como objetos de consumo e não como sujeitos capazes de tomar decisões, favorecendo a vivência da sexualidade de forma imposta ou inapropriada sobre uma pessoa. O corpo e a sexualidade feminina sofreram várias tentativas de interpretação e controle por instituições, tendo não apenas a sua sexualidade negada, como também patologizada.

A ciência, por sua vez, demarca discursos nesse campo, por meio por exemplo, da patologização de determinados comportamentos sexuais e do incremento das nomenclaturas com referência à sexualidade feminina, como se nota na histerização¹ do prazer da mulher (Foucault, 1988).

Nesse cenário, encontra-se, ainda, uma dicotomia na maneira com que a sociedade enxerga e lida com a sexualidade feminina, de um lado encontra-se a mulher casta e frígida e do outro lado a vulgar e/ou ninfomaniaca. As mulheres, diante dessas diferentes representações, encontram dificuldades de vivenciar sua sexualidade, em consonância às amarras psicológicas e morais enredadas pela sociedade, que interferem na satisfação sexual (Sousa, 2019).

A palavra “*orgasmo*” aparece nesse campo semântico, podendo ser conceituada como o nível mais alto de excitação sexual, sendo o prazer físico mais forte que os seres humanos podem experimentar (Lins; Braga, 2005 *apud* Sousa, 2019). Porém, o orgasmo não se localiza apenas nos órgãos genitais, englobando também outras áreas do corpo, como as contrações musculares no abdômen, pescoço, nádegas e face.

No âmbito da busca pelo prazer entre mulheres, existem questões subjetivas quanto à posição que o sexo assume na sua vida, de modo que frequentemente seu prazer é colocado de lado e/ou repassado ao outro. Nesse sentido, entra-se na questão do gozo fingido; esse ato não traz consigo apenas uma “frigidez”, mas também uma espécie de gozo, que, paradoxalmente, permite à mulher um “encontro” com o outro (Sousa, 2019).

Para Abdo (2009), o prazer feminino ainda é um tema pouco explorado e desvendar esse campo é um tópico multideterminado, atrelado à demarcação histórica em torno da mulher, além de fatores biológicos, que constroem suas práticas sexuais. Desse modo, considerando a complexidade do tema da sexualidade feminina e a legitimidade de autonomia quanto ao prazer sexual, estabeleceu-se o delineamento desse estudo, na busca por contribuir com a compreensão da mulher e sua qualidade de vida.

Objetivos

Objetivo Geral

Identificar a percepção de prazer feminino atribuído por mulheres por meio da aplicação do questionário adaptado: quociente sexual para mulheres (QSF).

¹Remete-se a Freud e seus estudos sobre a histeria (1893/1895), que demarcou a centralidade da condição sexual como dimensão psíquica; a histeria estaria ligada a eventos emocionalmente desagradáveis, que seriam “esquecidos”- reprimidos, por serem impraticáveis socialmente e de ordem exclusiva da dimensão sexual feminina. Caracterizava-se por um sofrimento inconsciente, o qual poderia vir à tona abrangendo múltiplos aspectos da vida da mulher, poderiam manifestar-se de maneira psicossomática, atingindo os órgãos dos sentidos, o corpo e o estado emocional. Posteriormente, Freud atribuiria essa condição à possibilidade de acometer também pessoas do gênero masculino.

Objetivos Específicos

Mensurar os resultados encontrados no questionário pela aplicação e o cálculo das pontuações correspondentes das participantes.

Metodologia

Esse estudo constituiu-se de uma pesquisa de levantamento com base no QSF, adaptado ao contexto pandêmico. Esse questionário autorresponsivo foi validado abrangendo os diversos domínios da atividade sexual da mulher, como: desejo, excitação, orgasmo e seus respectivos correlatos psicofísicos, abordando objetivamente as questões femininas, por meio de uma linguagem acessível à população e, dessa forma, contribuindo com elementos importantes ao raciocínio clínico. O QSF pode ser utilizado em estudos clínicos e observacionais, também na mensuração para tratamentos de alguma disfunção sexual feminina (Abdo, 2009).

O resultado dos números empregados pelo método de coleta gera possibilidades analíticas por meio de estatísticas, porcentagens, fórmulas, gráficos aplicáveis a processos. O intuito é a previsibilidade dos acontecimentos, quando aplicado na área de conhecimento humano pode realizar a previsão de fenômenos (Pereira et al., 2018). No referido estudo, o método de pesquisa descritivo e quantitativo foi interpretado em termos de pontuação total e teve como foco atentar-se aos fenômenos sem interferência das pesquisadoras, avaliando a qualidade da vida sexual da mulher. Para esta abordagem, a coleta foi realizada em termos de respostas em escala linear; partindo dos resultados aplicados às perguntas e pelos escores obtidos.

Pesquisa de levantamento: detalhamento

Participantes

Participaram da pesquisa 310 mulheres, maiores de 18 anos.

Procedimento de coleta de dados

A coleta de informações se deu pelo convite feito pelas pesquisadoras nos meios de comunicação via digital, sendo: grupos de Facebook; sites de relacionamentos e também o aplicativo Whatsapp. Ao clicar no link, a participante era redirecionada para o questionário realizado por meio do provedor de ferramentas do Google 'forms'. Na primeira página havia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ou seja, a participante deveria concordar com os termos para prosseguir, a partir de perguntas respondidas em escala linear.

A avaliação foi realizada, inspirada e adaptada pelo QSF, questionário brasileiro para avaliar a atividade sexual da mulher.

Esse é validado no Brasil pelo Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex), do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, que abrange diferentes patamares da sexualidade feminina, tais como: desejo, excitação, orgasmo e seus respectivos correlatos psicofísicos, e tem como uma de suas principais características o formato acessível, com uma linguagem facilitada à população brasileira (Abdo, 2009).

Procedimentos de análise de dados a partir do quociente sexual feminino adaptado

O QS-F considera todas as fases do ciclo de resposta sexual, incluindo: desejo e interesse sexual (questões 1, 2 e 8); preliminares (questão 3); excitação pessoal e sintonia com o parceiro (questões 4 e 5), conforto (questões 6 e 7), orgasmo e satisfação (questões 9 e 10), podendo ser observados no anexo deste estudo. O conteúdo da presente pesquisa, por sua vez, foi considerado sob a perspectiva da mulher e de seu prazer, podendo ser sozinha ou acompanhada, para tanto, adaptou-se o QS-F para ampliar esse espectro da prática sexual sem a presença do parceiro.

Assim, foram realizadas algumas alterações pontuais, a saber: na questão 2, desejo e interesse sexual, incluiu-se interesse pelo sexo e pela masturbação. Na questão 4, a excitação pessoal e sintonia com o parceiro foi modificada para conhecimento a respeito do próprio corpo e excitação. E a questão 5, passou a avaliar a masturbação feminina.

No formulário aplicado foram coletadas informações adicionais, como: escolaridade, faixa etária, estado civil e orientação sexual. Segue imagem do instrumento utilizado:

Responda esse questionário, com sinceridade, baseando-se nos últimos seis meses de sua vida sexual, considerando a seguinte pontuação:

0 = nunca
1 = raramente
2 = às vezes
3 = aproximadamente 50% das vezes
4 = a maioria das vezes
5 = sempre

1. Você costuma pensar espontaneamente em sexo, lembra de sexo ou se imagina fazendo sexo?
() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5
2. O seu interesse por sexo ou pela masturbação é suficiente para você realizá-lo(a) com vontade?
() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5
3. As preliminares (carícias, beijos, abraços, afagos etc.) a estimulam a continuar a relação sexual?
() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5
4. Você sente que tem bom conhecimento sobre seu próprio corpo e as partes que a excitam?
() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5
5. Durante a masturbação, você tem o sentimento de culpa ou desconforto?
() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5
6. Você sente que há um nível de influência da sua autoestima em sua satisfação sexual na relação sexual?
() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5
7. Você se sente confortável para manter uma relação sexual, mesmo quando percebe que seu corpo ou sua vagina não é como gostaria?
() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5
8. Você consegue se envolver, sem se distrair (sem perder a concentração), durante a relação sexual?
() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5
9. Você percebe que consegue atingir o orgasmo (prazer máximo) na maioria das vezes em que se masturba?
() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5
10. O grau de satisfação que você consegue com a relação sexual lhe dá vontade de fazer sexo outras vezes, em outros dias?
() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Resultado = padrão de desempenho sexual:

82-100 pontos: *bom a excelente*
62-80 pontos: *regular a bom*
42-60 pontos: *desfavorável a regular*
22-40 pontos: *ruim a desfavorável*
0-20 pontos: *nulo a ruim*

Como somar os pontos:

$$2 \times (Q.1 + Q.2 + Q.3 + Q.4 + [5-Q.5] + [5-Q.6] + Q.7 + Q.8 + Q.9 + Q.10) - (Q. \text{ questão})$$

Figura 1 - QS-F adaptado

Fonte: Elaboração própria com base em Abdo, 2009.

Cuidados éticos

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa; sendo aprovada pelo número: 42159220.3.0000.5383.

Resultados e discussão

Descrições da amostra

A pesquisa contou com a participação de 310 mulheres. A maioria das mulheres que responderam este questionário (57,7%) são jovens adultas, entre 21 a 25 anos, 20% da amostra são de 18 a 20 anos e 16,5% de 26 a 35 anos. Em menor grau, 4,2% das participantes apresentaram idade de 26 a 45 anos e apenas 1,6% de mulheres acima de 45 anos.

Foi observado neste estudo que todas as participantes apresentaram ensino fundamental completo, com apenas 0,6% das respostas para ensino médio incompleto e 12,9% para médio completo. 44,2% está cursando ou não terminou o ensino superior, e 41,9% da amostra concluiu o ensino superior. Em relação ao estado civil, a maioria das mulheres (47,1%) estava namorando, seguido do percentual de 44,8% solteiras; casadas 6,1%; 1,3% divorciadas e 0,6% de viúvas.

A orientação sexual autoreferenciada demonstra que 62,3% se declararam heterossexuais, 29,7% como bissexuais, 1,6% como homossexuais e 6,5% como pansexuais. Não houve respostas para a assexualidade. Dado relevante é o número de autoreferência à bissexualidade (29,7%) e à pansexualidade (6,5%), no espectro da orientação sexual, ainda que possa ser aleatório, em função da amostra, no entanto, a diversidade dialoga com o estudo de Depieri, Grossi, e Finotelli Jr (2020) acerca da percepção de mulheres sobre a sexualidade, indicando que mulheres mais jovens, em detrimento das gerações anteriores, tendem a experienciar orientações sexuais diversas, além da heteronormativa.

Descrições dos Resultados obtidos com base nas questões do QSF (Figura 1)

O cálculo dos escores total foi realizado da seguinte forma $2 \times (Q1 + Q2 + Q3 + Q4 + [5-Q5] + [5-Q6] + Q7 + Q8 + Q9 + Q10)$. A resultante desse cálculo significa o nível da atividade e protagonismo sexual da mulher, onde o índice total pode variar de 0 a 100, sendo de 0 a 20 nulo a ruim, 21 a 40 ruim a desfavorável, 41 a 60 desfavorável a regular, 61 a 80 regular a bom, 81 a 100 bom a excelente. No presente estudo, com a amostra de 310 participantes, foi encontrado um escore total de 78 pontos. Esse escore indicou que as mulheres tendem a identificar seu desempenho e satisfação sexual de maneira “regular a bom”.

A amostra de participações também identificou que as pontuações estabeleceram níveis mais elevados de satisfação sexual a partir dos 25 anos e queda na faixa etária acima dos 45 anos. Os dados ainda mostraram que mulheres entre 21 a 35 anos apresentaram orientação sexual mais diversa do espectro heteronormativo. Não houve, no entanto, indicação de diferenças significativas entre as pessoas que responderam alta satisfação sexual (escores de 75 e 80) e a sua a orientação sexual. Não se pode, portanto, com base nessa descrição, estabelecer qualquer correlação entre orientação sexual e satisfação sexual.

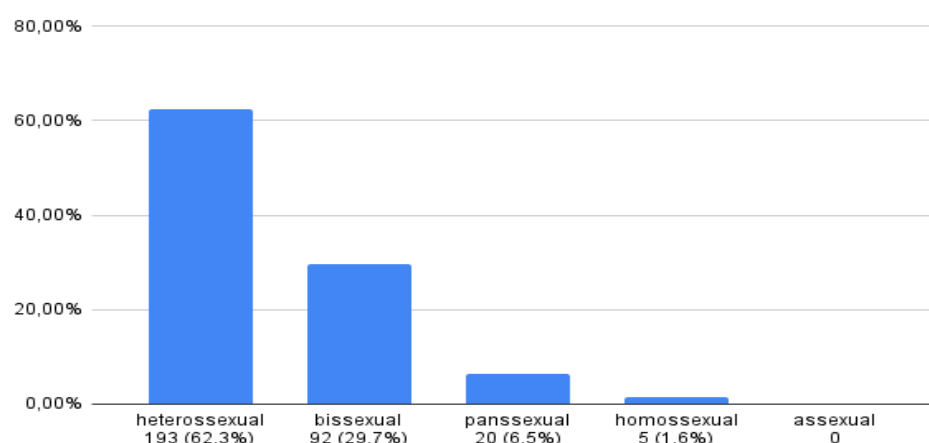


Figura 2 – Percentual da Orientação Sexual das participantes do estudo

A satisfação sexual, quando comparada ao estado civil, apresentou escore mais elevado para mulheres que já foram casadas, e escores baixos para viúvas. No entanto, uma vez que a amostragem de mulheres mais velhas (acima de 45 anos) foi menor, os dados não foram suficientes para tirar conclusões definitivas. As participantes divorciadas apresentaram maior satisfação com escores acima de 75 pontos; e escores menores para as viúvas, em média 50 pontos, sugerindo uma possibilidade de avaliação para estudos futuros sobre a relação entre estado civil e as correlações de satisfação e protagonismo sexual. Em mulheres solteiras, namorando e casadas houve uma média de 70 pontos no escore final.

Segundo Ponsone (2021), uma pesquisa realizada com mulheres jovens demonstrou que a vivência com um parceiro fixo, ser solteira ou separada e o uso de anticoncepcionais, tende a influenciar e melhorar a função sexual de mulheres, enquanto o uso de antidepressivos tende a prejudicar sua função sexual.

É importante salientar que a idade não está necessariamente relacionada ao compromisso matrimonial; portanto, as mulheres divorciadas não necessariamente foram as mais velhas, podendo-se dizer que as pontuações obtidas estão atreladas aos respectivos componentes avaliativos separadamente em: idade, orientação sexual, escolaridade e estado civil.

Análise de perguntas abordadas no Questionário (Figura 1)

Os temas apresentados nessa seção foram identificados a partir das médias gerais obtidas em cada resposta do questionário, do escore geral, associados à descrição da amostra de participantes. Partindo desse parâmetro, foi realizada uma interpretação dos dados estatísticos fornecidos, de acordo com a resposta geral. Essa análise possibilitou uma descrição de três temas centrais, no conjunto das perguntas, a saber: 'desejo e interesse sexual', 'conforto' e 'orgasmo, preliminares, satisfação e conhecimento do próprio corpo'.

Desejo e interesse sexual

As questões do questionário (Figura 1) que englobaram esse tema foram: 1.Você costuma pensar espontaneamente em sexo e sensações relacionadas a sua própria satisfação sexual? 2. O seu interesse por sexo ou pela masturbação é suficiente para você realizá-lo(a) com vontade? 8.Você consegue se envolver, sem se distrair (sem perder a concentração), durante a relação sexual?

Em relação a pensar sobre sexo (questão 1), 42,9% das mulheres referiram que pensam espontaneamente em sexo e nas sensações relacionadas à própria satisfação, enquanto 1% diz nunca pensar sobre o assunto.

Quando se trata do interesse por sexo e masturbação ser suficiente para realizá-lo com vontade (questão 2), os resultados também apresentam uma maior concordância nas respostas, em que 40,6% dizem que sempre é o suficiente e 1,9% dizem nunca ser suficiente.

Em relação às participantes que conseguirem manter a concentração durante o sexo (questão 8), 40,6% delas conseguem se concentrar na maioria das vezes, seguido de metade das vezes 24,5%, 1,9% dizem que nunca e 6,1% raramente.

8- Você consegue se envolver sem se distrair (perder a concentração), durante a relação sexual?

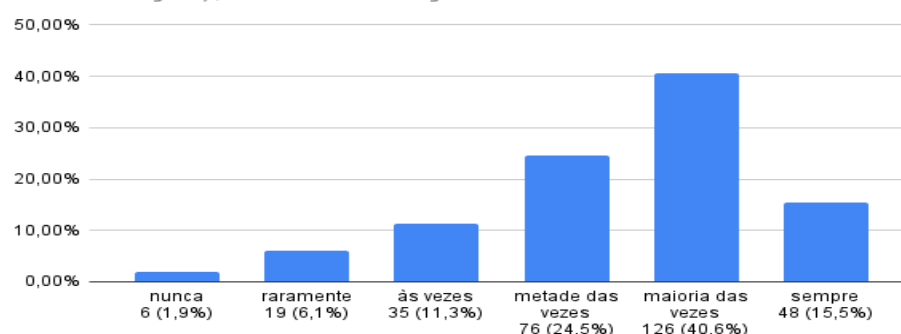


Figura 2 – Porcentagem de respostas sobre a concentração durante o sexo

Em relação ao interesse e desejo sexual, é curioso notar que quase metade (42,9%) que participou do estudo pensa em sexo espontaneamente e inclui isso como parte de sua vida. Esse dado pode indicar uma mudança no modo de viver a sexualidade nos tempos atuais, com contornos mais transitáveis e que agregaram a experiência sobre o ser mulher e a satisfação de seu prazer. Por outro lado, 76 participantes consideraram a perda da concentração em metade das vezes. O resultado abre questionamentos sobre os fatores que interferem nessa distração e perda de interesse, aspectos a serem aprofundados. Abdo e Fleury (2006) apontaram que o interesse sexual e sua consequente disfunção podem estar relacionados a uma multiplicidade de fatores, entre os quais, a maneira como ocorre o início da vida e prática sexual ou mesmo a influência de condições psicológicas e relacionais, como por exemplo, vivências estressantes, mudanças na parceria, conflitos no vínculo conjugal e disfunção sexual do par sexual.

Vieira *et al.* (2016), em um estudo qualitativo, revelaram que a relação de mulheres em diferentes gerações ainda atrelam afetividade e prazer; mas demonstraram que apesar da diferença geracional, as mulheres tenderam a ter papel ativo nas práticas sexuais, valorizando o prazer, independente da existência de sentimentos e envolvimento afetivo.

Conforto

As questões (Figura 1) que englobaram esse tema foram: 5. Durante a masturbação, você tem o sentimento de culpa ou desconforto? 6. Você sente que há um nível de influência da sua autoestima em sua satisfação sexual na relação sexual? 7. Você se sente confortável para manter uma relação sexual, mesmo quando percebe que seu corpo ou sua vagina não é como gostaria?

A questão 5, por sua vez, abordava sobre a masturbação e apontou que apenas 15 (4,8%) das participantes demonstraram que sentem culpa ou desconforto; 147 participantes (47,4%) comentaram não sentir culpa nunca e 32 mulheres (10,3%) na metade das vezes.

No quesito da autoestima (questão 6), 111 mulheres (35,8%) participantes responderam que a autoestima teve influência na satisfação sexual, na metade das vezes para 57 mulheres (26,8 %), e raramente para 11 mulheres (3,5%).

6- Você sente que há um nível de influência da autoestima em sua satisfação sexual na relação sexual?

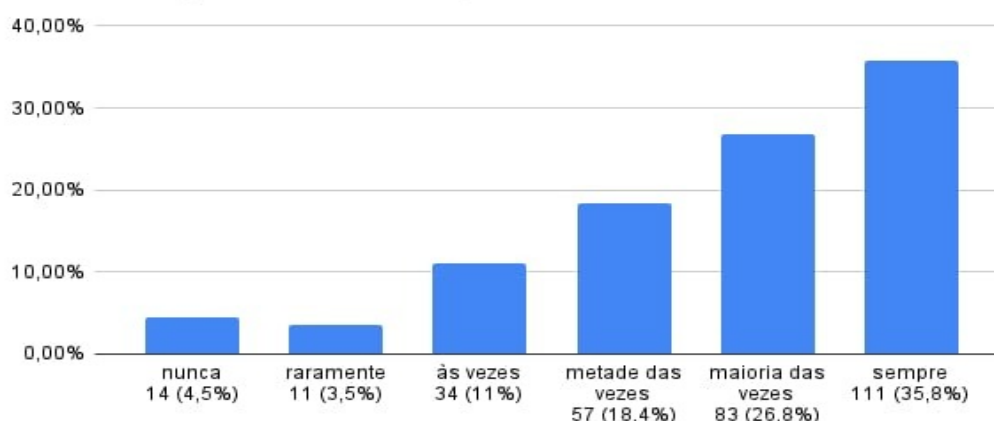


Figura 3 – Porcentagem de respostas sobre a autoestima e relação sexual

7- Você se sente confortável para manter uma relação sexual, mesmo quando percebe que seu corpo ou sua vagina não é como gostaria?

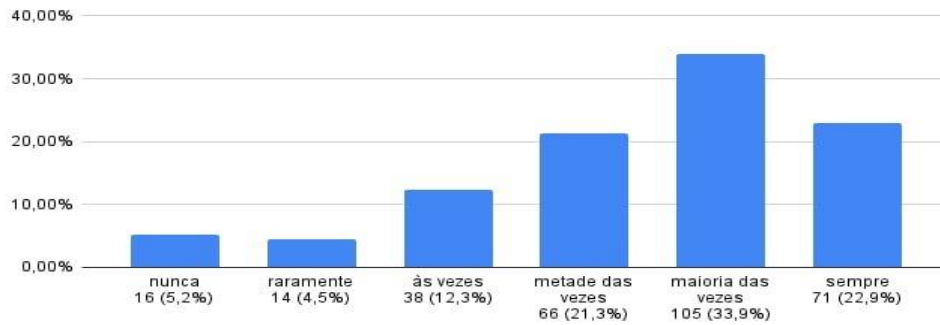


Figura 4 – Porcentagem de respostas sobre conforto em relação a corpo e à vagina

O resultado sugeriu escore significativo no que concerne à autoestima e à aceitação do próprio corpo para favorecer um desfecho satisfatório quanto à prática sexual (mais de 100 mulheres). Esse dado abre questionamento sobre a importância em se considerar a autoimagem relacionada à prática sexual, bem como a autoestima como fator engendrado ao prazer feminino, ou seja, satisfação e empoderamento podem atrelar-se diretamente ao protagonismo sexual da mulher. Como consequência, o padrão ideal sobre o corpo feminino pode interferir em sua vivência sexual.

O estudo de Ponsone (2021), com jovens universitárias, indicou que não houve influência significativa entre a função sexual e autoestima. Essa discussão abre questões para os futuros estudos se aprofundarem na temática da autoestima, aceitação do próprio corpo e prática sexual.

No entanto, conforme aponta Abdo e Fleury (2006), situações de inibição do desejo aparecem em mulheres ‘desvitalizadas’, tanto em relação à sua função sexual como à busca do prazer na vida, comportamento que pode estar relacionado à dificuldade em lidar com sentimentos de raiva e hostilidade quanto à relação e seus pares.

Orgasmo, preliminares, satisfação e conhecimento do próprio corpo

As questões (Figura 1) para esse tema foram: 3. As preliminares (carícias, beijos, abraços, afagos etc.) a estimulam a continuar a relação sexual? 4. Você sente que tem bom conhecimento sobre seu próprio corpo e as partes que a excitam? 9. Você percebe que consegue atingir o orgasmo (prazer máximo) na maioria das vezes em que se masturba? 10. O grau de satisfação que você consegue com a relação sexual lhe dá vontade de fazer sexo outras vezes, em outros dias?

Em relação à questão 3: 250 mulheres da amostra responderam sobre a relevância das preliminares (carícias, beijos, abraços, afagos e etc) para realizar o ato sexual, num total de 80,6%. Por outro lado, 1 mulher (0,3%) alega que as preliminares não estimulam a continuação da relação sexual.

3- As preliminares (carícias, beijos, abraços, afagos etc.) a estimulam a continuar a relação sexual?



Figura 5 - Porcentagem sobre preliminares e estímulo sexual

As respostas sobre a satisfação para fazer sexo em outras vezes (questão 10) indica que 167 mulheres do estudo (53,9%) sempre mantêm o grau de satisfação para continuar, apenas 9 (2,9%) indicam que raramente e 2 (0,3%) mulheres respondam que nunca sentem vontade de realizar novamente. Conforme aponta Abdo e Fleury (2006), as pesquisas e a observação clínica mostraram que o modelo de ciclo de resposta sexual padrão não representa o que ocorre entre muitas mulheres, ou seja, nem sempre apresentam desejo espontâneo e que, ao apresentarem podem não dar sequência à prática sexual. Algumas mulheres, por sua vez, iniciam a atividade para acompanhar seus parceiros e não necessariamente mantêm a atividade por estímulo próprio.

Em relação à pergunta sobre o orgasmo (questão 9), 102 delas (49%) sempre conseguem atingir o orgasmo ao se masturbarem, 19 (6,1%) mulheres indicaram que raramente e 14 (4,5%) responderam que nunca conseguem. Quando comparado com as outras respostas, o orgasmo nem sempre está atrelado a uma satisfação plena durante o sexo para a amostra. Pereira e Souza (2019) referem que o orgasmo é algo plural e multideterminado, carecendo de pesquisas mais holísticas quanto à apropriação do prazer entre mulheres, uma vez que a literatura demonstra que fatores como idade, características sociodemográficas, educacionais e religiosas, afetam a vivência do prazer.

Abdo e colaboradores (2002) fizeram uma pesquisa, com a intenção de conhecer a prevalência de transtornos sexuais em amostras não clínicas de brasileiros, com 2.835 pessoas, entre elas 1.474 eram mulheres. Os resultados indicaram que a falta de desejo sexual e a dificuldade em atingir o orgasmo foram identificados em 34,6% e 29,3% das mulheres, respectivamente, sinalizando uma possível presença de disfunção sexual entre as mulheres da amostra. No entanto, conforme Abdo e Fleury (2006), a orientação em torno de mitos e tabus, além de um cuidado que legitime o prazer sexual, tende a minimizar uma parcela das dificuldades sexuais, especialmente entre mulheres mais jovens, em detrimento daquelas que não apresentam sintomatologias disfuncionais pessoais ou relacionadas ao desempenho de seus pares sexuais.

Na questão sobre o conhecimento em relação ao próprio corpo, os índices do trabalho mostraram que 108 mulheres (34,8%) acreditam ter conhecimento corpóreo-sexual no que diz respeito a elas mesmas, porém, entre essas mulheres cerca de 4,5% nunca atingiram o orgasmo, e 6,1% quase nunca, totalizando 33 mulheres (10,6%). Abdo (2004) aponta que ações psicoeducativas aparecem como uma ferramenta eficiente quanto a aproximação de temas tabus em torno da sexualidade, além de técnicas que facilitam a desinibição e a expressão, desenvolvendo habilidades comunicacionais e de auto-observação, que podem ampliar as possibilidades de lidar com a função sexual e a satisfação sexual.

Entre as participantes que responderam nunca conseguir atingir o orgasmo, 25% delas tinham acima de 45 anos. Em números absolutos, pode-se dizer que da amostra de 310 participantes, 33 (10,6%) informaram que nunca ou quase nunca atingiram o pico da excitação sexual. Dessas respostas, 60% fazem parte da amostra de mulheres acima de 45 anos do presente estudo, número que chama atenção mas pode ter influência no baixo número de respondentes nessa faixa etária. Abre-se reflexões para, inclusive, relacionar o climatério e a satisfação sexual em futuros estudos diante de pesquisas que apontam nesse estágio para o Desejo Sexual Hipoativo (DSH), conforme Neto, Valadares e Costa-Paiva (2013), mas que precisa ser contextualizado pela perspectiva crítica das teorias de gênero, frente às consequências do envelhecimento para mulheres (Louro, 1995).

Trindade e Ribeiro (2008) apontaram, em um estudo qualitativo, a dificuldade de mulheres protagonizarem sua vivência sexual, relacionada à submissão em relação à vontade do parceiro ou mesmo ausência de vontade para o ato, além da precariedade no diálogo com seus pares sexuais. Vieira et al. (2016), por outro lado, apresentaram um cenário de maior apropriação das vivências sexuais entre as mulheres, em que as participantes, de modo geral, apesar de ainda reconhecerem um resposta sexual subjugada à vontade do parceiro, relatam necessitar do prazer durante a prática sexual, não apenas como uma resposta à demanda de seus pares, mas para autossatisfação.

Na presente pesquisa, o cenário mostra uma disposição mais próxima e vital com a vivência sexual, ao menos entre mulheres jovens, de modo a demandar maior aprofundamento, especialmente quanto à qualidade desse prazer e tipos de vivências.

Considerações finais

A realização do estudo do Quociente Sexual Feminino (adaptado) permitiu uma descrição sistematizada de como 310 mulheres desempenham e se satisfazem em relação à sua sexualidade, trata-se de um tema vasto, que tem ganhado, a cada faixa etária, mais espaço para discussão, além de receber a influência de diversos fatores, como a autoestima, relações de gênero e orientação sexual.

O presente estudo focalizou um recorte descritivo da amostra alcançado pelas respostas ao Quociente Sexual Feminino adaptado, que incluiu o aspecto da masturbação e o conhecimento sobre o próprio corpo, de modo a encontrar limitações quanto a sua adaptação e validação, além disso, não foram realizadas análises de associação entre os dados, havendo a necessidade de novos recortes para sistematizar tais análises.

O trabalho mostrou que houve grande taxa na participação e abertura para a realização do questionário por mulheres jovens adultas sobre o tema sexualidade, encontrando pouca participação de mulheres acima de 45 anos. No escore geral, as mulheres jovens demarcam um desempenho e satisfação sexual “regular a bom”, demonstrando aproximação com a vivência da própria sexualidade. Em contrapartida, hipotetizam-se algumas condições que levaram a pouca responsividade em mulheres mais velhas para a realização do questionário, podem ser elas: menor costume para uso de plataformas digitais, dificuldade para abordagem do tema ou dificuldade em usar as ferramentas da computação e da comunicação, também dificuldade na entrega dos questionários em grupos de faixa etária desta base na rede social (Facebook). Tópicos a serem questionados em futuros estudos, ou abordados de outra maneira para incluir melhor este conjunto etário.

No quesito satisfação sexual e desempenho, é possível notar no presente recorte um público feminino que se torna mais homogêneo, conforme a faixa etária diminui, é apenas entre mulheres jovens adultas a indicação da bissexualidade ou a panssexualidade para orientação sexual. É possível hipotetizar uma relação entre as diferentes gerações e o processo de autoconhecimento e emancipação. Nota-se, com isso, necessidade de aprofundar nos aspectos que apresentaram relevância em relação ao desempenho sexual, como a orientação sexual, a faixa etária, o conhecimento sobre o próprio corpo, a prática da masturbação, autoestima, aspectos que se relacionam à satisfação sexual.

Os dados identificados demonstram um espectro relevante, especialmente sobre como a mulher jovem na contemporaneidade tem encontrado satisfação sexual e abre questionamentos para novos estudos, considerando a importância em associar esses fatores com as discussões em torno do protagonismo sexual e as teorias de gênero.

Agradecimentos

Agradecemos à Profa. Dra. Maria Rosa Rodrigues pelas valiosas contribuições com a revisão dessa pesquisa.

Referências

ABDO, C. H. N. Quociente sexual feminino: um questionário brasileiro para avaliar a atividade sexual da mulher. *Diagn. Tratamento*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 89-90, 2009. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2009/v14n2/a0013.pdf>. Acesso em: 17 set. 2020.

ABDO, C. H. N.; OLIVEIRA JUNIOR, W. M.; MOREIRA JUNIOR, E. D. F., SARAIVA, J. A. Perfil sexual da população brasileira: resultados do Estudo do Comportamento Sexual (ECOS) do brasileiro. *Revista Brasileira de Medicina*, n. 59, p. 250-257, 2002. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/19449>. Acesso em: 20 set. 2021.

ABDO, C. H. N.; FLEURY, H. J. Aspectos diagnósticos e terapêuticos das disfunções sexuais femininas. *Archives of Clinical Psychiatry*, v. 33, n. 3, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832006000300006>. Acesso em 19 set. 2022.

ABDO, C. H. N. *Descobrimento Sexual do Brasil*. São Paulo: Summus, 2004.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: A experiência vivida*. Difusão Europeia do Livro. Tradução de Sérgio Milliet. ed. 2. São Paulo, 1967. 7-15 p.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora civilização brasileira, 2003. p. 24-26.

DEPIERI, L.; GROSSI, F.; FINOTELLI JUNIOR, I. A percepção de mulheres sobre a sexualidade feminina: bem-estar sexual e indicadores socioculturais. *Revista Brasileira De Sexualidade Humana*, v. 27, n. 1, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v27i1.122>

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1988. p. 62-108.

LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Relume Dumará. Tradução: Vera Whately. Rio de Janeiro, 2001.

LOURO, G. L. Gênero, História e Educação: Construção e Desconstrução. *Educação e realidade*, Porto Alegre, 1995.

LOUREIRO, C. P. *Corpo, beleza e auto-objetificação feminina*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Ciências Humanas e Naturais. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

PEREIRA, A. S.; SHITSUKA, M. D.; PARREIRA, F. J.; SHITSUKA R. *Metodologia científica*. Universidade Federal de Santa Maria, 2018.

PEREIRA, A. S.; SOUZA, W. F. Prazer sexual feminino: a experiência do orgasmo na literatura. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 30, n. 2, p. 31-37, 2019.

PINTO NETO, A. M.; VALADARES, A. L. R.; COSTA-PAIVA, L. Climatério e sexualidade. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, v. 35, n. 3, p. 93-96, 2013.

PONSONE, G. *Influência da autoestima na função sexual de jovens universitárias*. Trabalho de conclusão de curso. Instituto de Saúde e Sociedade. (Graduação de Fisioterapia) - Universidade Federal de São Paulo, 2021.

RIBEIRO, P. R. M. A sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In: BORTOLOZZI, A. C.; MAIA, A. F. (Org). *Sexualidade e infância*. Brasília: MEC/SEF, 2005, p. 17-32.

RIBEIRO, S. *Retratos de mulher: Construções sociais e representações visuais do feminino*. Editora Campos de Letras, 2005.

SIGMUND, F. *Estudos sobre a histeria: obras completas*. v. 2 (1893-1895). Companhia das Letras. São Paulo, 2016.

SOUZA, P. S. M. *Podem as mulheres gozar?* Discursos científicos sobre o orgasmo feminino. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas) - Centro de Educação e Saúde, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2019.

TRINDADE, W. R.; FERREIRA, M. A. Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres. *Texto & Contexto – Enfermagem*, v. 17, n. 3, pp. 417-426, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000300002>. Acesso em: 20 dez. 2021.

VIEIRA, K. F. L. et al. Representação Social das Relações Sexuais: um Estudo Transgeracional entre Mulheres. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 36, pp. 329-340, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001752013>. Acesso em: 17 dez. 2021.

Recebido em: 23/08/2023

Aprovado em: 05/09/2023